

São Paulo, 29 de junho de 2012

Semana de destaque na extração de petróleo

Por Alexandre Yokote

Estamos no final do mês de junho, reconhecido pelo mês de festejos de São João e pela defesa ao Meio Ambiente. Este ano em especial tivemos a Rio+20, que para muitos não foi considerada um compromisso real para com a sustentabilidade, além disso, a seca (estiagem) demandou o cancelamento de festas de São João.

Crise europeia indefinida, péssimo mês para as bolsas. A princípio não houve qualquer acidente catastrófico, com exceção de um passivo e uma queda surpreendente.

Estou falando do passivo da Chevron Equador e da queda da cotação da OGX.

Não, não se trata de um desenrolar do vazamento da Chevron aqui no Brasil, mas sim um passivo pelo qual foi condenada a indenizar no Equador. A Chevron, em 3 de janeiro deste ano, foi considerada culpada pelo Corte de Justiça da Província de Sucumbios por danos ambientais causados na Amazônia equatoriana durante período em que operou na região, entre 1964 e 1990, tendo cerca de 30.000 pessoas (muitos são indígenas) prejudicadas por despejos de águas contaminada (alega-se 60 milhões de m³ despejados em rios).

A Chevron alega que o julgamento de "produto de suborno e fraude" e portanto não seria executável.

Acontece que a Chevron não está mais em operação no país e não possui ativos que cobrem tal indenização, no valor de 18,2 bilhões de dólares (maior que a requerida no caso aqui no Brasil)!!! Em função dessa questão de falta de "money", os demandantes estão recorrendo ao país vizinho, ou melhor, da mesma rua, já que o Brasil não faz fronteira com o Equador. Não foi só aqui que estão tentando executar a sentença, mas passaram também pelo Canadá, mas não querem acionar nos EUA onde é a sede da empresa Chevron.

De qualquer forma é um caso interessante de um passivo ambiental com danos diretos ocorridos a algumas décadas, mas que pela globalização as perdas da empresa ultrapassam as fronteiras, independente do mercado de ações.

Ainda vai dar muito que falar pelo contexto alegado de ilegitimidade do julgamento e pela possibilidade de embargo de ativos no mundo.

O outro caso, que por acaso também é de uma petroquímica, fica por conta da OGX que após um comunicado sobre a capacidade de produção de dois poços no Campo de Tubarão Azul, despencou assustadoramente na Bovespa, 25% no dia 27 e 19,2% no dia 28, para se ter uma idéia melhor, em 12 meses o valor já variou de R\$18,41 até recentes R\$4,78, uma queda que começou em final de fevereiro, mas que mergulhou nesta semana (de R\$8,87 para R\$5,05).

Após cinco meses de testes, a OGX relatou que os poços no referido Campo possuem capacidade de vazão ideal de 5 mil barris de óleo equivalente por dia por poço, mas a projeção inicial era de algo em torno de 15 mil a 20 mil barris por dia.

Esses resultados desanimaram os investidores. A especulação sobre a capacidade real da OGX caiu. A oportunidade percebida talvez tenha se aproximado da oportunidade real da OGX, a expectativa de ganhos foi cortada e investidores estão pulando fora do barco, levando consigo inclusive esperanças sobre outros negócios do grupo X, puxando as cotações das outras empresas X para baixo.

Recursos ambientais se esgotando e contaminações ambientais na pauta!